

Sonia Gomes



Barroco, mesmo



Sonia Gomes. *Súplica*, da série *Raiz*, 2018. Pintura sobre madeira e fio de lã. 107 x 127 x 60 cm. Coleção da artista. Foto: Rafael Martins. [detalhe]

Instituto

Nas últimas duas décadas, Sonia Gomes (Caetanópolis, Minas Gerais, 1948) tem assumido forte protagonismo na cena artística brasileira e internacional, ganhando reconhecimento pela originalidade de uma obra que desafia convenções e gêneros artísticos. Especialmente afeita ao arranjo manual de materiais do cotidiano – tecidos, linhas, rendas, cordas, objetos encontrados –, ela desenvolve uma linguagem contemporânea enraizada em práticas artesanais e comprometida com a experimentação.

Em especial, Sonia Gomes é uma referência para toda uma geração de artistas que acompanham sua capacidade de abrir caminhos para a arte e para a vida sem se submeter a modelos prontos, combinando a vontade de se conectar com sua ancestralidade e a recusa de corresponder a estereótipos relativos à sua origem. Mulher, negra, artista, Sonia Gomes adentra esta casa de Tomie Ohtake – mulher, imigrante, artista – trazendo o resultado de uma pesquisa que mobilizou múltiplas instituições.

O projeto *Barroco, mesmo* procurou aproximar Sonia Gomes do legado do barroco no Brasil por meio de uma jornada. No primeiro semestre de 2025, exposições de Sonia Gomes foram realizadas no Museu da Inconfidência (MIN), em Ouro Preto (MG), e no Museu de Arte Contemporânea da Bahia (MAC_BAHIA), em Salvador (BA), criando oportunidades para que os públicos locais conhecessem a obra e o processo criativo de Sonia, enquanto ela visitava uma ampla gama de lugares e tecia diálogos instigantes com pesquisadores, artistas e cidadãos. Tal relação dialógica vai ao encontro das prioridades do Instituto Tomie Ohtake, que se percebe como organismo cultural que atua em rede com múltiplas coordenadas do país, cultivando relações.

Neste momento, o diálogo – iniciado há dois anos entre a artista e o curador Paulo Miyada, com o objetivo de reelaborar nossa relação crítica com o barroco no campo poético de sua obra – ganha espacialidade na forma de uma exposição de forte teor experimental. Apresentando pela primeira vez objetos e materiais reunidos no ateliê de Sonia Gomes, esta mostra alinhava obras realizadas em diversos tempos em uma montagem que evita qualquer linearidade, empregando cortinas recortadas, projeções de sombras e caminhos espirais para criar um contexto imersivo que é, em si mesmo, uma extrapolação das afinidades da obra com o repertório barroco de curvaturas, expansões, movimentos, repetições, incompletudes, hibridismos, sobreposições, durações e sinuosidades.

A realização desta etapa contou com a colaboração da artista e da equipe de seu ateliê, além do apoio logístico da galeria Mendes Wood DM e de empréstimos de colecionadores e instituições. Agradecemos ao Ministério da Cultura e ao Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas, pela viabilização da exposição *Sonia Gomes – Barroco, mesmo*, em parceria com o MIN e o MAC_BAHIA. Estendemos nossos agradecimentos ao patrocínio do Bradesco, sob a chancela Apresenta, e da Motiva, por meio do Instituto Motiva, sob a chancela Platina, via Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet).

Instituto Tomie Ohtake

Tomie Ohtake

O Museu da Inconfidência (MIN), em Ouro Preto (MG), unidade museológica sob a gestão do Instituto Brasileiro de Museus, dedica-se a pensar e comunicar a fundamental contribuição das minas gerais nessa longa e fatigosa marcha pela liberdade, tramada por muitos povos e por inúmeras contradições.

Admitido este partido, podemos dizer que liberdade aqui se diz de duas maneiras: política e artística. Política, referindo-se ao movimento anticolonial que teve justamente em Vila Rica, hoje Ouro Preto, seus desdobramentos mais importantes; e artística, marcada indelevelmente por contribuições europeias, mas que ganhou traços tão próprios que Mário de Andrade e Germain Bazin, por exemplo, não hesitaram em dizer que se tratava de um fenômeno não apenas singular, mas original. O barroco e a Conjuracão, a arte e a política, estão, assim, intimamente ligados. Fragilíssimo tecido, a política nacional é, desde então, profundamente barroca; e é certo também que o barroco é profundamente político.

Foi Sylvio de Vasconcellos quem disse que o barroco exerceu uma influência tal na alma mineira que tudo que surge neste vasto território parece ter sua origem nele. Mas atenção: essa origem não pode ser entendida como continuidade mecânica ou repetição estéril, e sim, talvez, como a ideia de que o barroco é um terreno fértil que não cessa de produzir – por entre brenhas e penhas, recorrendo a uma imagem tão parnasiana, tomada de Alvarenga Peixoto no famoso poema dedicado a Bárbara Heliodora – as mais distintas criações, ontem e hoje.

Sonia Gomes – Barroco, mesmo, com curadoria de Paulo Miyada, inscreve-se nesse universo conceitual expandido, que compreende o barroco para além de seu sentido estrito e escolar, entrevendo justamente, na trama longa e complexa da história, suas torções, amarras, costuras, trançados e bordados.

Em parceria com o MIN, o Instituto Tomie Ohtake materializa, com a exposição de Sonia Gomes, a grandiosidade e o alcance do barroco no tempo e na arte contemporânea, voltando-se para um passado tão presente não para reeditar clichês, mas para, de maneira generosa, explicitar suas dores, amplificar suas potências e ressignificar nossa relação com a história e a arte, assumindo-se, assim mesmo, barroco.

Museu da Inconfidência

Ouro Preto, MG

05.ABR
—20.JUL
2025

Museu da Inconfidência



Vista da exposição no Museu da Inconfidência. Foto: Vellozia Filmes.

Museu de Arte Contemporânea da Bahia

Salvador—BA

12.ABR
—13.JUL
2025

O Museu de Arte Contemporânea da Bahia (MAC_BAHIA) abriu suas portas, em abril de 2025, para receber *Barroco, mesmo*, primeira exposição individual da artista mineira Sonia Gomes em solo baiano, apresentada, simultaneamente, no MAC_BAHIA, em Salvador, e no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto.

A união das duas cidades pelas teias de tecidos e lembranças das esculturas de Sonia Gomes é o gesto poético inaugural desta mostra, e também um desejo da artista. Locais onde o barroco se faz presente na visualidade arquitetônica e também na maneira de viver de seus habitantes, Salvador e Ouro Preto se tornam ponto de partida por terem sido, outrora, ponto de chegada. Essas heranças coloniais são ressignificadas pela habilidade manual da artista, que cria colagens de diferentes épocas num mesmo objeto-tempo.

Sonia Gomes é uma das principais artistas brasileiras da atualidade, tendo sido um dos destaques da 60ª Bienal de Veneza, em 2024, assim como da 35ª Bienal de São Paulo, em 2023. Realizou exposições individuais em importantes museus brasileiros, como a Pinacoteca de São Paulo, o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand e o Museu de Arte Contemporânea de Niterói, além de ter participado de inúmeras exposições coletivas, nacionais e internacionais, incluindo a Bienal de Liverpool, a Bienal de Gwangju e, mais recentemente, da mostra *Dona Fulô e outras joias negras*, que esteve em cartaz no MAC_BAHIA.

Barroco, mesmo foi a segunda individual apresentada na Galeria Anexo desde a inauguração do MAC_BAHIA, em 2023, dando continuidade ao programa que celebra trajetórias consistentes de artistas afro-brasileiros referenciais. O baiano Ayrson Heráclito abriu essa programação, seguida por Sonia Gomes, que, no auge de seus 77 anos, se tornou um farol para a compreensão da produção artística afrodiáspórica no mundo – tão presente no contexto local.

A mostra foi realizada pelo Instituto Tomie Ohtake, de São Paulo, para onde as obras retornam, agora, após receberem a energia da terra natal da artista, Minas Gerais, e o axé da Bahia, lugar de onde ela também veio e que também é sua casa. Tudo unido pela força da memória que suas obras carregam e transmitem. Seja bem-vinda, somos todos gratos.

Daniel Rangel
Diretor do MAC_BAHIA

Vista da exposição no Museu de Arte Contemporânea da Bahia. Foto: Rafael Martins.



Paulo Miyada

Sonia Gomes Barroco, mesmo

Sonia Gomes trabalha na duração: seus materiais estão impregnados de memórias, sotaques, afetos e errâncias; suas mãos realizam torções, costuras, sobreposições, embrulhos e cortes. Formam-se, assim, abrigos, tramas e invólucros afins à escala do corpo. Na duração, mobiliza-se a extensão de uma poética de beleza incessante, avessa a modelos inertes.

Nascida em 1948 em Caetanópolis, Minas Gerais, Sonia Gomes traçou uma rota repleta de sinuosas volutas até que a arte que sempre fez fosse reconhecida como tal. Chegou a carregar na carteira, simultaneamente, as carteirinhas da ordem de advogados e da associação de artesãos, enquanto produzia colares, bolsas, roupas e coisas sem nome – objetos que não se acomodavam bem nem no contexto do artesanato nem no que se reconhecia como arte contemporânea. Ela, que crescera como única criança negra em uma casa de brancos, conhecia o desafio da estima quando não se coincide com modelos hegemônicos, e escolheu persistir na fatura de emaranhados, embrulhos, abrigos e costuras em torno de tramas e objetos parcialmente desfeitos.

Quando, há cerca de duas décadas, Sonia enfim encontrou fissuras para levar sua produção ao meio da arte contemporânea, seu impacto se fez de modo incisivo, consolidando o reconhecimento de suas famílias de *torsões*, *pendentes* e *panos* – tipologias de obras que lhe são mais recorrentes. Eminentemente abstrata, sua criação nos oferece um modo de refletir sobre a duração do tempo perante formas resultantes de gestos associados ao cuidado (proteger, remendar, envolver, juntar, recobrir). Seu trabalho lança, assim, uma ponte para refletir sobre o legado do barroco brasileiro, do qual a artista se percebe herdeira, sem ignorar que se trata de uma memória permeada pela dor das violências estruturais deste país colonial e escravagista.

Sonia Gomes nos instiga a pensar o barroco como algo mais do que um estilo artístico constituído na Europa e transplantado – com distorções e contradições – a outras geografias. Ponderar o barroco junto à obra dessa artista implica considerá-lo como um desvio, uma “reação contra a pretensão racionalista de penetrar, a partir de um movimento uniforme e decisivo, os arcanos do conhecido”, como escreveu o poeta martinicano Édouard Glissant, que aproximava o barroco da oralidade. Glissant dizia que a “arte barroca recorre ao contornamento, à proliferação, à redundância de espaço, àquilo que ridiculariza a pretensa unicidade de um conhecido e de um conhecedor, ao que exalta a quantidade infinitamente retomada, a totalidade para sempre recomçada”.

Nessa mirada, o devir do barroco não se configura como projeto concluído na Europa, mas como algo ensaiado ali na forma de uma reação inflamatória contra imperativos homogeneizantes do saber e do viver. Essa reação teve sua decorrência mais vivaz em lugares como Ouro Preto e Salvador (Brasil), Assunção (Paraguai) e Quito (Peru), onde tanto o tecido social quanto a paisagem resistem aos totalitarismos racionalistas e ao programa narcísico eurocêntrico. A circulação da arte barroca – como arquitetura, artes visuais, teatro, música e literatura – ofereceu uma brecha para a manifestação insurgente de mensagens, linguagens e poéticas que contribuíram para que aqui, mais do que lá, essa arte estivesse preñhe de significado transformador. Essa é uma história inacabada – inacabável, até – e Sonia Gomes é uma de suas protagonistas, reivindicando a beleza para *assombrar o mundo* e desmanchar seus mitos autoritários de pureza, unidade e progresso.

Sonia Gomes – Barroco, mesmo é uma exposição traçada como um arco em movimento. Tudo teve início pela visita às cidades de Ouro Preto e Salvador, onde aconteceram este ano exposições da artista em parceria com o Museu da Inconfidência e com o Museu de Arte Contemporânea da Bahia. Sonia Gomes visitou espaços icônicos da história da arte e da arquitetura barroca nessas cidades, e conversou com pessoas que carregam fios das histórias de resistência e vitalidade da população negra que atravessou a diáspora e o escravismo sem abdicar de seu desígnio de liberdade. Enquanto isso, compartilhou com os públicos locais alguns agrupamentos de suas obras, associados pela primeira vez com amstras do conjunto de objetos e materiais guardados em seu acervo como repositório de memórias.

Paulo Mivada



Sonia Gomes. *Espiral*, 2021. 216 x 23 cm a. Cortesia da artista e Mendes Wood DM, São Paulo, Brussels, Paris, New York. Foto: EstúdioEmObra.

Leda Maria Martins No ar, esculturas bailarin



Sonia Gomes. Sem título, da série *Torção*, 2012. Tecidos diversos, arame sobre vergalhão de ferro. 189 x 74 x 84 cm. Cortesia da artista e Mendes Wood DM, São Paulo, Brussels, Paris, New York. Foto: EstúdioEmObra.

Leda Maria Martins No ar, esculturas bailarinam

Leda Maria Martins

Nasceu no Rio de Janeiro e vive em Belo Horizonte. É poeta, ensaísta, dramaturga e professora. É doutora em Letras/Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestra em Artes pela Indiana University e formada em Letras pela UFMG. Possui pós-doutorados em Performance Studies pela New York University e em Performance e Rito pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É também Rainha de Nossa Senhora das Mercês da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário no Jatobá, em Belo Horizonte. Em seu pensamento e proposições teóricas cruzam-se epistemologias e cosmologias de várias matrizes cognitivas, como as derivadas dos saberes africanos transcriados nas Américas.



Sonia Gomes. Sem título, da série *Torção*, 2005. Costura, amarrações, tecidos diversos e rendas sobre arame. 103 x 167 x 30 cm. Cortesia da artista e Mendes Wood DM, São Paulo, Brussels, Paris, New York. Foto: EstúdioEmObra.

Referência

MARTINS, Leda Maria. No ar, esculturas bailarinam. In: MIYADA, Paulo (org.). *Sonia Gomes: assombrar o mundo com beleza*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024. p. 254.

Alejandra Muñoz

Sonia Gomes

e os barrocos baianos

Barroco, mesmo! No calor úmido de abril em Salvador, parece que tudo tende a se derreter e a imbricar sua forma em um barroquismo involuntário.

A arte de Sonia Gomes não poderia ser mais oportuna para repensarmos as origens e os destinos da cultura baiana, perscrutar as vontades e os traumas da realidade brasileira, ou até enxergar uma gramática das expectativas e das frustrações da contemporaneidade em geral.

Não vou discutir a historiografia do barroco como momento artístico ou debater sobre as especificidades formais e técnicas do barroco brasileiro. Também não ousaria entrar em questões de antropolgia cultural relativas à brasilidade ou inerentes à temática afro-diaspórica – cuja relevância reconheço, mas careço de repertório consistente para oferecer uma contribuição efetiva ao debate. No entanto, no campo das artes visuais e da arquitetura, onde transito com maior atenção, há pelo menos dois eixos de reflexão que gostaria de propor, motivada tanto pelo título da exposição quanto pelo trabalho de Sonia Gomes.

O primeiro eixo que me parece pertinente é lembrar a complexa relação entre dois conceitos caros à arte e à criação brasileira em geral: o barroco e a antropofagia. Creio que essas são duas chaves fundamentais para discutir, de um modo abrangente, a noção de identidade cultural, os modos como diferentes culturas interagem e se influenciam, e como isso reverbera na poética de Sonia Gomes.

O conceito de antropofagia, popularizado pelo Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade em 1928, propõe a ideia de “devorar” culturas estrangeiras, não para copiá-las, mas para transformá-las em algo novo e original. Nesse sentido, talvez artistas como Aleijadinho, em Minas Gerais, ou José Joaquim da Rocha, na Bahia, tenham sido pioneiros dessa antropofagia cultural, apropriando-se de referentes europeus que, processados em clave própria, resultaram em expressões artísticas de um barroco absolutamente singular. A partir de estudos de historiadores contemporâneos como Rodrigo Gutiérrez Viñuales e meu amigo Rodrigo Baeta, diversas produções do barroco latino-americano, com sua mistura de elementos europeus, indígenas e africanos, podem ser vistas como formas de antropofagia cultural, onde influências externas foram absorvidas e transformadas em manifestações artísticas únicas. Em alguns contextos, o barroco latino-americano pode inclusive ser interpretado como estratégia de resistência cultural e afirmação da identidade regional, por meio da qual artistas locais expressaram seus valores particulares, suas circunstâncias e perspectivas, desafiando a hegemonia cultural europeia.

Sonia Gomes se apropria de preexistências de diferentes procedências, sobretudo têxteis, que “devora” em seu ateliê em operações de costura, arrugamento, bordado, desfiado, invólucro, amarração, torção e esticamento. Na sua obra, confluem tempos imprecisos, tramas desgastadas, tessituras imperfeitas. A equação entre o gesto, a matéria e o resultado formal traduz simbolicamente as complexidades e as contradições da brasilidade. São acúmulos de memórias, muitas delas silenciadas, em tecidos retorcidos e latências de formas inesperadas através de fios entrelaçados.

Apesar do intrincado processo de elaboração de cada peça, que mistura diferentes técnicas de adição, subtração e assemblagem de materiais, quero ressaltar a potência metafórica das costuras e dos alinhavos, onde a agulha é o principal instrumento da construção artística. O protagonismo da agulha, possibilitando a conexão entre diferentes partes, unindo tecidos e ideias, simboliza a capacidade de costurar experiências e memórias. A precisão da agulha na sequência de pontos irregulares denota a atenção às pequenas coisas da vida, à microescala do cotidiano comum, daquilo aparentemente invisível no contexto maior das formas contemplativas e das aparências dos corpos resultantes. Todavia, a agulha exprime também uma ambiguidade simbólica oportuna na constituição cultural brasileira: o mesmo instrumento capaz de terebrar um tecido para feri-lo pode ser a cura ou a reparação de uma dor através de outra costura. É essa ambiguidade que perpassa o trabalho de Sonia Gomes, que remete às feridas ignoradas e silenciadas da própria vivência como signo do processo histórico de constituição da brasilidade; e das possíveis reparações que, mesmo cheias de cicatrizes, permanentemente buscam construir novos corpos, novas camadas de sentidos e novas realidades materiais.



Sonia Gomes. *Súplica*, da série *Raiz*, 2018. Pintura sobre madeira e fio de lã. 107 x 127 x 60 cm. Coleção da artista. Foto: EstúdioEmObra.

Na exposição, há uma peça feita com camadas penduradas e costuradas que me remeteu formal e simbolicamente aos fragmentos do teto da nossa Igreja de São Francisco. Uma tragédia que, mesmo com a reparação da ferida na bela caverna dourada, nunca permitirá reconstituir-se o mesmo teto. Talvez um aviso cruel da fugacidade de tudo, da impermanência de valores absolutos em tempos de incertezas. Na exuberância das torções e dos invólucros costurados que pairam no espaço defronte dessa peça na parede, também não foi difícil para mim encontrar familiaridades com o repertório de sensações de um percurso pela Feira de São Joaquim. Não no sentido literal de analogias formais, mas no universo orgânico de texturas, cores, tramas e sensualidades. Toda a exposição compreende muitos elementos “devorados” em um devir de novos objetos irrepetíveis, densos como as talhas barrocas mineiras e baianas, e carregados de sentidos desconhecidos.

O barroco é um fenômeno multifacetado, que abrange não apenas um estilo artístico, mas também uma maneira de ver o mundo, refletindo as tensões e as contradições da experiência humana. É por essa via que proponho outro eixo de reflexão sobre a obra e os processos de Sonia Gomes, realizando breves interlocuções com pesquisas e produções de artistas contemporâneos baianos e destacando um repertório de valores éticos e estéticos da arte brasileira atual em diferentes dimensões do barroco.

No contexto baiano, talvez um dos diálogos mais instigantes da obra de Sonia Gomes seja com as montagens ambulantes do saudoso Jayme Fygura. Embora com materiais diferentes e através de uma dimensão performática urbana, Fygura era uma redenção viva daquele barroco popular do qual falava o crítico e filósofo Eugenio d’Ors. Como em algumas peças de Sonia Gomes, embaralhando as fronteiras entre vestimenta e escultura, Fygura utilizava materiais descartados, preferencialmente metálicos, na elaboração de suas armaduras carregadas de improntas e memórias com as quais circulava pelas ruas da cidade. Todavia, além das possíveis comparações entre técnicas artísticas, Fygura e Gomes, como artistas negros, reivindicam o direito a uma escuta historicamente censurada.

Alejandra Hernández Muñoz

Uruguiaia, residente em Salvador desde 1992, é arquiteta, mestra em Desenho Urbano e doutora em Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com pós-doutorado em Artes pela Universidade de Brasília (UnB). É professora de História da Arte e do Design da Escola de Belas Artes (EBA/UFBA), colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFBA), curadora e crítica de Artes, Design e Arquitetura.

Esse compromisso ético e histórico está presente também nas estampas de Goya Lopes, pioneira designer têxtil baiana que resgata e recria formas, cores e motivos africanos. Em processos diferentes, Lopes e Gomes criam novas superfícies carregadas de memórias ancestrais, nas quais prevalece o desenho – seja impresso ou costurado, contínuo ou fragmentado.

No processo colonial brasileiro, a imposição de normas culturais europeias quase sempre silenciou as práticas e expressões culturais tanto africanas quanto indígenas, levando à perda de tradições e à assimilação forçada de diversas etnias. Na Bahia, nas últimas décadas, ainda que parcialmente, vem sendo revertido o apagamento sistemático das histórias e das identidades das pessoas escravizadas, bem como o silenciamento cultural pelo qual a riqueza das tradições africanas e indígenas e a diversidade das experiências desses grupos eram minimizadas ou distorcidas.

A eloquência silenciosa das peças de Nádia Taquary remete a esse ostracismo intencional. Inspiradas pelas joias das mulheres escravizadas, símbolos religiosos e elementos culturais de matriz afro-brasileira, as peças de Taquary são construídas por acúmulos de materiais naturais finamente trabalhados, polidos, em montagens elegantes, em uma escala espacial para a qual muitas vezes não há corpo humano que as consiga ostentar. Muitas dessas obras me parecem cotejáveis, formal e simbolicamente, com alguns dos colares e das peças suspensas de Sonia Gomes.

Em outro sentido dos apagamentos históricos, a invisibilidade de bairros populares de Salvador e a imagem da cidade como uma construção de narrativas hegemônicas perpassam o paradoxal estranhamento das iconografias de Paulo Coqueiro. Suas fotografias impressas em chapas

de aço oriundas de ferros velhos, como imagens ficcionais, possivelmente são mais reais que qualquer cartão-postal tradicional dessa cidade. Em termos de processo cumulativo, as imagens densas de Coqueiro, também impregnadas de memórias, vão ao encontro da espessura das camadas de tecidos de Sonia Gomes, capazes de criar outras narrativas e múltiplas possibilidades para materiais aparentemente exauridos.

Em uma relação mais formal do que as torções e os entrelaçamentos dos tecidos de Sonia Gomes, as instalações oníricas dos crochês de Dôra Araújo também oferecem pontos de encontro interessantes, sobretudo pelas proximidades materiais das fibras e pela tradição ancestral dos ofícios femininos vinculados aos tecidos e às costuras.

Finalmente, não posso deixar de mencionar a ideia de *horror vacui* (horror ao vazio), outro dos conceitos que podem ser associados às obras de Sonia Gomes e que encontra dois aliados baianos para uma conversa: de um lado, Bela Seifarth, com a densidade pictórica de suas paisagens humanas, inspiradas pelas feiras populares e as festas do Recôncavo; de outro, Juarez Paraíso, com a exuberância surreal de seus espaços e murais, alguns infelizmente desaparecidos.

O polímata e filósofo Gottfried Leibniz acreditava que a beleza estava ligada à diversidade e à multiplicidade, e entendia o barroco como um estilo que refletia a complexidade e a riqueza da experiência humana. A arte e a arquitetura barrocas, com suas formas exuberantes e dinâmicas, poderiam ser vistas como expressões da harmonia e da ordem subjacente ao caos aparente da vida. Os trabalhos e processos de Sonia Gomes parecem corroborar essa visão. Barroco, mesmo!

Alejandra Muñoz

Sonia Gomes

e os barrocos baianos



Sonia Gomes. *Tecendo amanhã II*, 2016. Costura, amarrações, tecidos e rendas variadas sobre arame. 148 x 54 x 14 cm. Coleção particular. Foto: EstúdioEmObra. [detalhe]

Alejandra Muñoz

Sonia Gomes

e os barrocos baianos

Referências

ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago. 1928. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. Petrópolis: Vozes, 1975.

BAETA, Rodrigo Espinha. *O barroco, a arquitetura e a cidade nos séculos XVII e XVIII*. Salvador: EDUFBA, 2012.

D’ORS, Eugenio. *Lo barroco*. Madrid: Tecnos, 1993.

VIÑUALES, Rodrigo Gutiérrez. Pervivencias barrocas en el arte contemporáneo latinoamericano. In: BRUNETTO, Carlos Javier Castro (Org.). *Arte barroco: una revisión desde las periferias*. Madrid: Fundación Mapfre Guanarteme, 2004.

Assim que recebi o convite do Instituto Tomie Ohtake para participar de um dos eventos de inauguração da exposição *Barroco, mesmo*, de Sonia Gomes, no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, fiquei muito entusiasmada com a possibilidade de pensar a aproximação da obra da artista mineira com a miríade de ideias de barroco aprendidas e revisitadas ao longo da minha trajetória acadêmica no campo da história da arte. Não percebi, contudo, o quanto o ato de buscar o barroco na obra de Sonia me faria incorrer nos riscos de um procedimento teleológico. Afinal, aquilo que de antemão se define, de antemão também se limita. Conhecendo mais o barroco – seja o seiscentista europeu ou o brasileiro-colonial mais tardio – do que a própria artista em questão, e percebendo esse desajuste, minha conduta para esta escrita caminhou, de certa forma, na contramão daquilo em que acredito e que apregoo: antes de mais nada, olhar para a obra, deixar que “a ética da obra” se imponha,¹ e, assim, determine o rumo da análise.

Deste modo, ao mesmo tempo que me debruçava sobre as obras, pude ver e ouvir Sonia Gomes em inúmeros documentários e entrevistas. Guardei as visões da artista em seu cotidiano de trabalho, o foco em suas mãos determinadas a remexer gavetas e tecidos, a voz gentil e confiante de alguém que se conhece e reconhece as lonjuras percorridas. A solidez e a coerência de seu percurso são patentes em sua produção e não deixam qualquer dúvida sobre a grandiosidade de sua contribuição para a arte contemporânea brasileira.

Fui ler, então, o que já havia sido escrito a propósito e constatei que muito do que eu pretendia dizer já havia sido dito, certamente com mais precisão, qualidade e beleza.² Me resta, pensei, voltar ao barroco

– esse labirinto ora centenário de conceitos – para, a partir dele, talvez conseguir (re)apresentar a produção de Sonia. Pensei em fazê-lo costurando fragmentos desses conceitos absorvidos – ecos – aos recortes de imagens observadas, tentando não me perder em questões teóricas e historiográficas, mas procurando evocá-las da maneira como vieram a mim: com palavras para sugerir imagens que, por si só, também falam palavras – certa de que “a natureza das coisas se inscreve nas palavras que as nomeiam”.³

Em algumas entrevistas reunidas em plataformas digitais, a artista menciona, de própria voz, esse barroco percebido há muito por outros e por si mesma em sua obra quando ela mal tinha seu trabalho reconhecido como arte. Ela narra, em primeiro lugar, a figura de um antiquário belorizantino especialista em barroco mineiro que acolheu sua produção e nela identificou o estilo, numa aproximação de ideias que Sonia parece ter reencontrado e logo assimilado. Nesse momento, ela se viu como portadora de uma herança do barroco brasileiro. Hoje, anos mais tarde e internacionalmente aclamada, ela reafirma: barroco, mesmo.

Pois bem. Ao revisar a historiografia do termo e do estilo, desde sua gênese como a pérola imperfeita de Garcia da Orta,⁴ passando pelo pejorativo dos excessos e bizarrias, até os debates contemporâneos – muitos dos quais denunciam o anacronismo de um termo que a historiografia aplicou às artes do Brasil colonial⁵ – fica claro que as múltiplas definições de barroco, dispares, quando não conflitantes e contraditórias, pedem uma tomada de posição: de que estamos falando quando falamos “barroco”?

1. COLI, Jorge. Depoimento. In: KASSAB, Álvaro. O olhar de Coli sobre a história da arte. *Jornal da Unicamp*, ed. 345, 27 nov. a 3 dez. 2006.

2. Cito aqui, entre outros: BISPO, Alexandre Araújo. *A tecelagem da memória na obra de Sonia Gomes*. 2015. Disponível em: <https://www.omemelick2ato.com/artes-plasticas/213>. Acesso em: 2 out. 2025.

FONSECA, Raphael. *Meu mundo é hoje*. 2018. Disponível em: <https://raphaelfonseca.net/Meu-mundo-e-hoje>. Acesso em: 2 out. 2025.

GOMES, Sonia; MIYADA, Paulo (Org.). Torce o tempo o afeto do tato: uma aliteração para Sonia Gomes. In: *Assombrar o mundo com beleza*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024. pp. 235-248.

3. SARDUY, Severo. *Barroco*. Lisboa: Vega, 1989. p. 25.

4. Garcia da Orta [Goa, 1563]. In: TAPIÉ, Victor. *O barroco*. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1983.

5. Veja-se, a propósito: BAUMGARTEN, Jens; TAVARES, André. O barroco colonizador: a produção historiográfico-artística no Brasil e suas principais orientações teóricas. *Perspective*, set. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/perspective.5538>. Acesso em: 5 jun. 2025.

Letícia Martins de Andrade

As vogais engastadas da palavra barroco

Leticia Andrade

Licenciada em Educação Artística e Bacharelada em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestra em História da Arte e da Cultura pela Unicamp e doutora em História pela Unicamp, com período sanduiche na Università degli Studi di Pisa e pós-doutorado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP) e na Unicamp. Atualmente é professora associada da Universidade Federal de São João del-Rei. Entre 2018 e 2023, foi coordenadora do Centro de Estudos e Pesquisa em História da Arte e Patrimônio da Universidade Federal de São João del-Rei (CEPHAP).



Sonia Gomes. *Sem título*, da série *Torção*, 2012. Tecidos diversos, arame sobre vergalhão de ferro. 189 x 74 x 84 cm. Cortesia da artista e Mendes Wood DM, São Paulo, Brussels, Paris, New York. Foto: EstúdioOObra. [detalhe]

a ter uma nota de universalidade extraeuropeia”.⁹ E o que mais adiante veio a ser qualificado como “barroco mineiro” igualmente participa de um projeto político alavancado por figuras do modernismo à procura de uma autêntica arte nacional.¹⁰

Mas, voltando a Sonia Gomes, o barroco que a artista descortina em sua obra parece, a meu ver, resultar da percepção, muito bem fundamentada e facilmente pressentida, de características estilísticas vinculáveis ao todo da poética barroca – aquele barroco substantivo. Isso nos leva a pensar em sua obra como um retorno do barroco como categoria universal, em seu aspecto cíclico, a-histórico, de “constante barroca”, como foi proposto por Eugenio d’Ors.¹¹ Nessa constante, o que sempre retorna é o dinamismo, a assimetria, o hibridismo, a exuberância, o tempo gerúndio, a eloquência, a teatralidade...

Já num primeiro olhar para a produção da artista – olhar abrangente, conduzido pelo aspecto mais imediato e sensível das obras – se destaca no macro, no todo, uma visão do mundo em curvas e contracurvas, em volutas, ovais e parábolas, ou em linhas hiperbólicas, de onde brotam, abruptos, anéis que se fecham em si mesmos. “As vogais bem engastadas” da palavra barroco.¹²

Ou seriam células, sementes, coágulos, nódulos, emaranhados expulsando vísceras, modelando alças, olhos, orelhas e caudas? Enovelados pulsantes, em excrescências repentinas. Criaturas híbridas, talvez como as “quimeras” de que foi acusado Borromini.¹³ Sempre um orgânico fluir. “A forma guarda uma vida”, diz Sonia.¹⁴

No entanto, ao mesmo tempo que se manifesta essa relação imediata denunciadora da referida constância cíclica, a produção da artista rememora o “espírito barroco” vivenciado nos tempos da colônia e que ainda hoje paira sobre as cidades ditas “históricas” mineiras: nos seus telhados de beira-seveira e nas janelas de arco canga de boi,

na renitência dos repiques dos sinos, na religiosidade inabalada e nos ritos solenes das irmandades mestiças. Festas do Divino e do Rosário, procissões do Senhor morto, bandeiras e mastros de fitas multicores, relicários, lanternas de prata bordada, ofícios e missas tocados de cor (de coração mesmo) em violinos desafinados. Um oratório-maquineta, flores de crepom, brilhos de miçangas, madrepérolas, bordados e botões. *Vanitas vanitatum*. Nesse sentido, a relação com o barroco se faz por via de uma leitura ampla, cultural, numa muito complexa apropriação do passado.¹⁵ Domínio sobrestante da cor local. Persistências mais ou menos gastas, esgarçadas.

A seguir, ver de perto. Alinhavos. Os cerzidos ponto a ponto, caminhos sinuosos de suturas paralelas, coseduras estriadas, urdiduras. Cada conta de cor cintilante, lantejoulas, ouropéis. O retalho de chita estampado de céu e girassóis; a trama estrelada das rendas guipir. Enredos, entrechos, novelos, ninhos, casulos. Sequências de fuxicos, evocação de patuás. E bonecas, como crianças – ou imagenzinhas de santos – assomando das entranhas de trouxas-ventres. Sugestões de universos femininos, de suas lidas, seus apuros e alinhos. Entreabrir de cortinas. Olhares retrospectos em relances de espelhos. Excertos de memórias que, não sendo nossas – mas que adivinhamos e aceitamos –, despertam as nossas.

Barroco, sim, mas muito mais.

A obra de Sonia é o gesto poético que provoca em nós a poesia, faz acorrerem palavras – excesso de adjetivos, para o horror de muitos – e memórias. Assombrosa (e preciosa) beleza. As vogais engastadas da palavra barroco.



Sonia Gomes. *Sem título*, da série *Meu amarelo é ouro*, 2023. Tecido, tintura natural, acrílico e folha de ouro sobre madeira. 135 x 16 x 4,5 cm. Coleção particular. Foto: Rafael Martins. [detalhe]

6. WÖLFFLIN, Heinrich. *Renaissance e barroco*. São Paulo: Perspectiva, 2010 [1888].

7. VILLARI, Rosario. *L'uomo barocco*. Roma-Bari: Laterza, 1991. p. VIII.

8. HANSEN, João Adolfo. *Barroco, neobarroco e outras ruínas. Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, Brasil, n. 2, pp. 10-67, 2001.

9. AVERINI, Riccardo. *Tropicalidade do barroco*. In: AVILA, Afonso. *Barroco: teoria e análise*. Belo Horizonte: Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, 1997. p. 23.

10. Veja-se: ANDRADE, Mário de. *Aleijadinho*. In: *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. São Paulo: Brasília: Livraria Martins Editora, 1975. pp. 13-46.

11. D'ORS, Eugenio. *Du Baroque*. Paris: Gallimard, 1968.

12. BATTISTI, Eugenio, apud SARDUY, Severo, op. cit.

13. FRÉART DE CHANTELOU, Paul. *Diary of the Cavalier Bernini's Visit to France*. Princeton: Princeton University Press, 1885. p. 326.

14. GOMES, Sonia; MIYADA, Paulo (Org.), op. cit., pp. 10-11.

15. BAXANDALL, Michael. *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 105.

Wlamyra Albuquerque Barroco, as vísceras e mapas de Sonia Gomes



Sonia Gomes. *Sem título*, da série *Pano*, 2008. Costura, amarrações, tecidos diversos, renda e crochê. 250 x 200 cm. Coleção particular. Foto: Rafael Martins. [detalhe]

Fios de cabelos de santos, cenas bíblicas cobrindo tetos dourados, penitências, pedaços de ossos santificados, santuários domésticos, escapulários, ex-votos, imagens de anjos, seres que só têm virtudes e nunca tiveram sangue e defeitos. Objetos e imagens extravagantes fazem parte do imaginário barroco, que insiste em desobedecer à passagem do tempo. Consumindo e inventando memórias, esse barroco brasileiro foi, no princípio, tecido e tramado com cana-de-açúcar, violência e piedade. Hoje, o barroco tem as suas vísceras expostas pelas mãos e sensibilidades de Sonia Gomes.

Diz-se que o barroco tem formas externas vigorosas e simples, para exibir espaços internos sobrecarregados, surpreendentes, forrados de ouro, cheios de altares. Diz-se que barroco é pedra irregular, a exigir dos ourives que lhe corrijam a suposta imperfeição. Nas joalherias, as pedras barrocas deveriam ser lixadas, medidas e ajustadas para disfarçar a origem incerta. Pelo menos, era isso que se esperava dos artistas que rolavam entre os dedos as porções tropicais do mundo colonial, a América portuguesa. Mas, o que acontece quando uma artista que, se dizendo tão negra quanto marginal, exhibe alinhavos, coleciona retalhos retorcidos e expõe objetos inflados, suspensos como vísceras na feira? Na exposição *Barroco, mesmo*, eu vi as vísceras do barroco retorcidas e penduradas por Sonia Gomes.

Nos dicionários, o barroco é a exibição do excesso; o exagero disposto a nos deslumbrar entre as paredes e tetos com as cores vibrantes das igrejas coloniais, onde toda fé precisava ser exibida, coberta de ouro em pó. Sonia Gomes é senhora de objetos já gastos, cheios de lembranças e já exaustos do uso que lhes foi dado nos dias e noites que tiveram.

A artista nos diz: “O material chega aqui pedindo socorro!” São reminiscências que querem viver noutro corpo.

Ela os atende e nos apresenta reentrâncias exageradas, sobreposições nada disfarçadas. Na lógica barroca sempre cabe mais uma dor, mais um arranjo no altar, mais uma penitência. Enquanto isso, Sonia Gomes não desperdiça afetos; valoriza as irregularidades, as pedras irregulares. Ela nos confronta com os avessos, com a arte de quem manipula materiais pré-consumidos, jóias sem formatos predefinidos.

O barroco tem eira, beira e franjas.

A arte de Sonia tem dobras, torções e tintas que refazem o que já teve outros fins, o que parece exaurido pela vida contemporânea, que se desfaz facilmente do que usa. Algumas das missões insistentes da moderna república brasileira ainda são o soterramento do legado barroco, dos prédios, artes e instituições que fundaram o Brasil.

Quando deslizamos entre as peças de Sonia Gomes, vemos o barroco orgulhoso das suas memórias, exibindo caixas de costura que guardam o botão já gasto, papéis envelhecidos nos quais é possível escrever um novo texto, contemporâneo, sobre a vida doméstica, os adornos femininos e a passagem do tempo. Ficam para trás as caras brancas e corpos disformes dos querubins, surge o trabalho da imaginação negra sobre e sob o tecido social, tão violento quanto delicado, sempre remendado neste país absurdamente desigual.

No imaginário barroco o mundo seria o campo de disputa entre as forças do bem e as do maligno. Bem e mal eram rivais, não se misturavam. Toda pobreza era divina e a escravidão salvaria o cativo. A dor era espetáculo público de redenção, com os santos que sangravam, os penitentes exauridos e os pretos que carregavam e ainda carregam os fardos, no sinuoso traçado urbano. A exposição *Barroco, mesmo* faz pender sobre as cabeças o peso da experiência coletiva e pessoal da nossa constituição barroca, patriarcal e escravista.

Wlamyra Albuquerque Barroco, as vísceras e mapas de Sonia Gomes



Sonia Gomes. *Gaiola*, s.d. Gaiola, pedra e tecidos diversos. 35 x 46 x 22 cm. Coleção da artista. Foto: Rafael Martins.

Wlamyra Albuquerque

É mestra em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e doutora em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com pós-doutorado na modalidade Estágio Sênior pela Harvard University e bolsa CAPES. Atualmente é professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História (UFBA), além de Superintendente de Relações Internacionais da UFBA. Dentre suas principais publicações estão: *O jogo da dissimulação – abolição e cidadania no Brasil* (2009); *Uma história da cultura afro-brasileira*, em coautoria com Walter Fraga (2010, prêmio Jabuti); e *De que lado você samba – Raça, política e ciência na Bahia do pós-abolição*, em coautoria com Gabriela Sampaio (2021).

Referências

COLLYMORE, Nan. Sonia Gomes: *My Work Is Black, Feminine and Marginal*. Disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/en/editorial/my-work-is-black-feminine-and-marginal-sonia-gomes/>. Acesso em: 2 out. 2025.

STOFFA, Felipe. *Sonia Gomes cria esculturas a partir de tecidos*. Disponível em: <https://harpersbazaar.uol.com.br/bazaar-art/sonia-gomes-cria-esculturas-a-partir-de-tecidos/>. Acesso em: 2 out. 2025.

Instituto Tomie Ohtake; Museu de Arte Contemporânea da Bahia. *Sonia Gomes – Barroco, mesmo*. Salvador: 2025 (exposição).

Museu de Arte de São Paulo. *Sonia Gomes: a vida renasce/ ainda me levanto*. São Paulo: 2018 (exposição).

Pinacoteca de São Paulo. *Sonia Gomes: sinfonia das cores*. São Paulo: 2023 (exposição).

Projeto Viva. *Mapa Sonia Gomes*. 2024. Disponível em: <https://www.vivaprojects.org/mapa-soniagomes>. Acesso em: 2 out. 2025.



Sonia Gomes. *Sem título*, da série *Pano*, 2008. Costura, amarrações, tecidos diversos, renda e crochê. 250 x 200 cm. Coleção particular. Foto: Rafael Martins.

**SONIA GOMES –
BARROCO, MESMO**

REALIZAÇÃO

Instituto Tomie Ohtake

APOIO

Museu de Arte
Contemporânea da Bahia
Museu da Inconfidência

CURADORIA

Paulo Miyada

**PRODUÇÃO E COORDENAÇÃO
DE MONTAGEM**

André Luiz Bella
Carolina Pasinato
Maria Fernanda
Bonfante Rosalem
Pedro Lemme
Rodolfo Borbel
Tamara da Silva Pereira
Victor Constantino

PROJETO EXPOGRÁFICO

Ligia Zilbersztejn
Rian Tito

DESIGN GRÁFICO

Catê Bloise
Paula Lobato
Tie Ito
Vitor Cesar

**CONCEPÇÃO DOS
PROGRAMAS PÚBLICOS**

Ana Roman
Sabrina Fontenele

REVISÃO

Divina Prado
Felipe Carnevalli
Isabela Maia

TRADUÇÃO

Isabela Maia

MONTAGEM

Manuseio Montagem e
Produção Cultural

MUSEOLOGIA

Bernardo Macena
Leila Antero
Rita Torquete
Thalita Noce

PINTURA

WCA Pintura e Decorações

CENOGRAFIA

Ateliê Cecília
Katiana Aleixo
Cenotecnica e
Serralheria Artística

ILUMINAÇÃO

Âmbar Locação e Serviços
de Iluminação
Marcos Franja

IMPRESSÃO E SINALIZAÇÃO

OMamulti Stickers
Comunicação Visual

TRANSPORTE

Millenium Transportes

SEGURO

Howden Brasil Consultoria
e Corretora de
Seguros Ltda.

AGRADECIMENTOS

A todas as equipes do
Museu da Inconfidência,
Museu de Arte
Contemporânea da Bahia,
Alejandra Muñoz, Alex
Calheiros, Ana Paula
Silva de Assis, Ateliê
Sonia Gomes e Galeria
Mendes Wood DM, Daniel
Rangel, Eduardo
Evangelista Ferreira,
Goya Lopes, Josi, Leda
Maria Martins, Leticia
Martins de Andrade,
Lita Cerqueira, Nivaldo
Andrade, Rafael
Martins, Wlamyra
Albuquerque e todos
os colecionadores,
emprestadores e
instituições que
gentilmente cederam
suas obras para
a exposição.

O Instituto Tomie Ohtake
realizou todos os
esforços para encontrar
os detentores dos
direitos autorais
incidentes sobre as
imagens/obras aqui
expostas e publicadas.
Caso identifique algum
registro de sua
autoria, solicitamos
o contato pelo
e-mail instituto@institutotomieohtake.org.br.

JORNAL

COORDENAÇÃO

Instituto Tomie Ohtake

PROJETO GRÁFICO

Catê Bloise
Paula Lobato
Tie Ito
Vitor Cesar

TEXTOS

Alejandra Muñoz
Leda Maria Martins
Leticia Andrade
Paulo Miyada
Wlamyra Albuquerque

REVISÃO

Divina Prado
Felipe Carnevalli
Isabela Maia

IMPRESSÃO

Ipsis

ISBN

978-65-89342-66-3

Ministério da Cultura, Nubank e Instituto Tomie Ohtake apresentam

A

PARTE

PELO

TODO

UM PODCAST VIAJANTE
OUÇA AGORA A
SEGUNDA TEMPORADA:

Fomento

Apresenta

Cota platina

Parceria institucional

Apio

Apio de mídia

Idealização

Realização